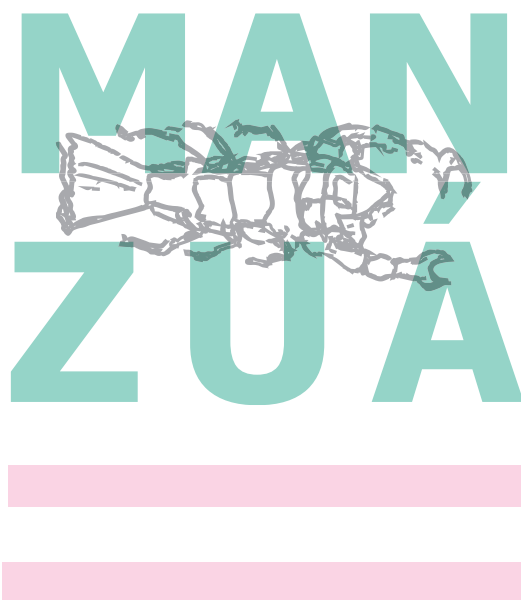


MAN ZUÁ



4 A ANCESTRALIDADE DO CORPO: DIÁLOGO COM OS MESTRES

Sebastião de Sales Silva¹

RESUMO

O presente artigo busca analisar minha trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN tomando como referência o diálogo com a mestra Lara Machado e o mestre Robson Haderchpek. Partindo da prática artístico-pedagógica desenvolvida em sala de aula Lara Machado me ensina a *quebrar os joelhos*, tornando meu corpo consciente e pulsante. Robson Haderchpek me ajuda a *abrir as gaiolas do meu corpo* para viver o *voo da liberdade* no espetáculo *Revoada* do Grupo Arkhétypos de Teatro. Ambos partem de uma metodologia empírica e, por meio de metáforas me permitem descobrir o mestre que habita em mim.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-Aprendizagem. Teatro. Grupo Arkhétypos. Espetáculo *Revoada*.

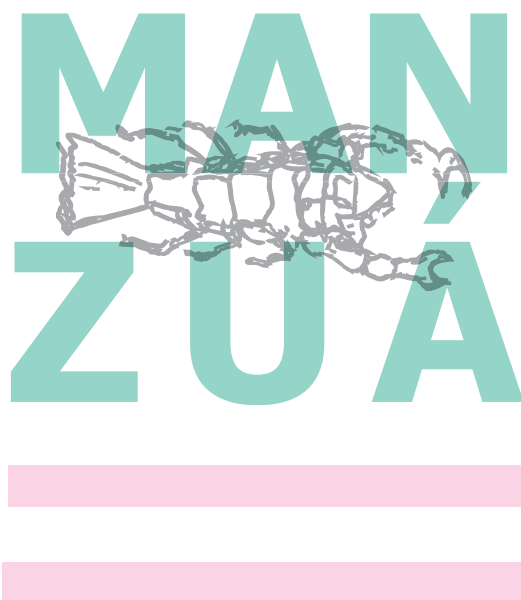
ABSTRACT

This article seeks to analyze my academic trajectory in the UFRN Theater Degree Course taking as a reference the dialogue with the master Lara Machado and the master Robson Haderchpek. Starting from the artistic-pedagogical practice developed in the classroom, Lara Machado teaches me to *break my knees*, making my body conscious and pulsating. Robson Haderchpek helps me *to open the cages of my body* to live *the flight of freedom* in the play *Revoada* of Arkhétypos Theater Group. Both start from an empirical methodology and, through metaphors, allow me to discover the master who lives in me.

KEYWORDS: Teaching-Learning. Theater. Arkhétypos Group. Play *Revoada*.

1 - Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7250080468263829>

MAN ZUA



Conversando com a mestra Lara

Um diálogo investigativo sobre o avesso do avesso do meu corpo. E é nessa perspectiva que lanço os olhares sobre este encontro, que nasce de uma aprendizagem significativa, que acontecia não apenas dentro de quatro paredes (de uma sala de aula comum no departamento de Artes da UFRN), e sim em laboratórios de criação em espaços diversos – em que investigávamos sobre como o nosso corpo era potente, com uma organicidade e um tamanho que não imaginávamos – *tenho um corpo que é maior do que os outros veem!*

Para iniciar, enfatizo que acredito nessa relação mestre-aprendiz e acredito no pensamento de Paulo Freire (2011, p. 25) quando diz que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

A minha primeira formação acadêmica foi no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), quando adentro e resolvo fazer o Curso de Teatro, caminho fortemente na relação


de que o sujeito é formado pelo ambiente que o cerca, mas também, ao mesmo tempo em que ele é formado, ele forma o outro. É uma relação dialética, em que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011, p. 25).

Na busca pelos conhecimentos sistematizados no que concerne às práticas teatrais vou criando a minha colcha de retalhos e percebo na figura do professor-mestre um sujeito com linha e tecido, que faz o seu fiar e que durante um bom tempo costura até “finalizar” a obra, e, talvez ao final desta, perceba que, o que ele fez foi uma obra inacabada.

Nesse sentido, somos sujeitos inacabados, pois, com o passar dos dias, o costureiro percebe que aquele corte não ficou bom ou que simplesmente um retalho precisa ser ajustado ou que faltou um botão ou que as cores não o agradam mais. Nisso, esse professor-costureiro remodela, refaz um novo corte e com este uma nova obra, um novo sujeito em (for) mação.

Nesse sentido, tive como

MAN ZUÁ



costureira do meu corpo a professora-mestra Lara Rodrigues Machado, no componente curricular *Conscientização Corporal I*. Ela teceu sobre o meu corpo, recortou, jogou fora, alinhavou, deixou disforme, mudou a postura, a minha forma de ver o Mundo, ela rodopiou sobre o meu corpo, demarcando territórios desconhecidos, atravessando pontos do mapa do meu corpo, levando-me a habitar um lugar que era meu e que eu via como estrangeiro.

Minha professora-mestra rodou a gira do meu corpo a partir da frase: “Quebra o joelho! Não

p e n s a
Faz!

O curso começa na conhecida sala 18 do Departamento de Artes e, na primeira semana, conheço então a professora Lara Rodrigues.


Cheguei e ao abrir a porta, encontrei uma sala com o um piso preto, o chão áspero, uma parede de janelas brancas entreabertas, uma porta ao fundo, alguns colegas de turma encostados na parede do lado (à minha direita), coloquei a minha bolsa no canto da sala e caminhei...

Pés, pernas, quadris, costas, braços e cabeças sobre o chão. Ao abrir a sala do nosso corpo – o nosso plexo, somos recebidos pelos raios do sol – e penso, existe um mundo dentro de outro, o meu olhar é aguçado, é lançado, no qual me pego pensando demais, e existe uma briga interna entre as arquiteturas do corpo meu corpo e do espaço que ele ocupa.

Então, sentamos em roda e a professora-mestra nos questiona, nos provoca perguntando quem é você? O que estamos fazendo ali, de onde cada um vem... Nos deixa pensando e diz que não quer uma resposta imediata. Logo ela parte para a apresentação do componente curricular *Conscientização Corporal I*. A minha turma era formada em sua grande maioria por pessoas muito jovens, que estavam conhecendo esse mundo acadêmico, universitário e teatral pela primeira vez.

Então, começaram as aulas propriamente ditas e éramos levados por um forte batuque de tambores, de gritos, de rumores de gerações e memórias passadas. A professora

MAN ZUA



utilizava músicas africanas nos momentos de alongamento/ aquecimento da turma e toda aquela musicalidade ia me fazendo dançar, não era um simples alongamento de pernas, braços, cabeça e pés.

No entanto, quando trabalhávamos em grupo, éramos implicados em buscar a dança do nosso corpo e como este se relacionava com outro, uma troca eminentemente forte, que por sua excelência trazia memórias ancestrais e deflagrava um corpo codificado por este mundo tecnológico. O meu corpo estava naquele momento pensando em todo movimento que iria e até que poderia fazer: eu tinha medo de dançar tudo o que estava sentido.

Foi a partir deste corpo emoldurado que a professora, rodopiando com a sua saia, passava por entre os seus alunos e dizia: - “quebra o joelho, vai” e tudo aquilo eu não entendia, não sabia o porquê de ela estar pedindo aquilo. Tudo se deflagrava quando escrevia meu diário de bordo, tinha realmente medos de deixar registradas as

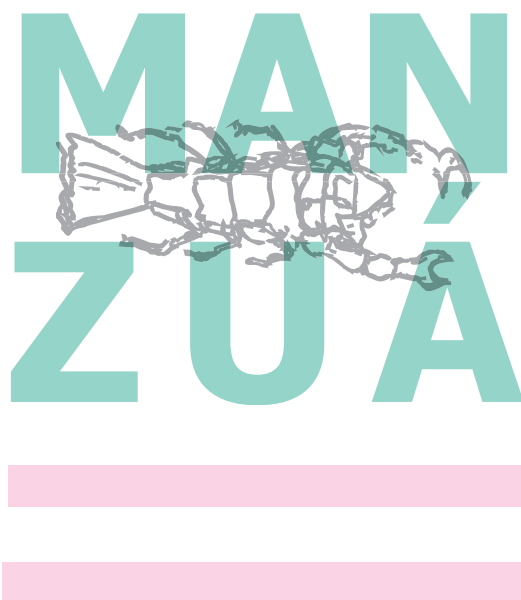
descobertas que tinham despertado – era um corpo habitado em mim e que eu mesmo não tinha conhecimento.

Naquele momento, não era para saber mesmo, era pra viver, sentir e perceber este corpo e aquele *corpus* – entendo como *corpus* a entrega total, o estar inteiramente no trabalho que está sendo realizado. Podermos entender este como aquele que ao mesmo tempo em que sacia a fome, é também o alimento, é a entrega (a comunhão) – em sala, em processo. Nisso, ela passou mais uma vez, só que desta vez com o olhar miúdo e me disse: - “não pensa, faz!”. Foi então que entendi que não importava o como fazer, ela pedia apenas para viver aquele momento de criação.

Foi a partir daí que tivemos alguns impasses em sala de aula, estávamos chegando à universidade e já tínhamos “doutores” na área, já tínhamos “mestres” em dizer o que a professora poderia ou não fazer!

A maneira, a metodologia como a professora conduzia os seus processos em sala de aula deixou mais da metade da turma intrigada,

MAN ZUA



os meus colegas não queriam fazer a aula, achavam estranho e diziam que aquilo não era aula, podia ser tudo, menos aula – o “engraçado” é que estranhamos o corpo que habitamos, e é de fato estranho querer continuar a seguir as práticas teatrais normativas ditas como padrões – existe mesmo de fato um tipo, uma forma de se fazer? A resposta acredito que seja direta, não, não existe!

Durante alguns encontros, ela foi percebendo o desinteresse da turma e decidiu abrir para uma roda de conversas. Os alunos diziam que se incomodavam com as músicas de origem africanas, as batucadas, acreditavam que a aula não podia seguir nesse ritmo, dessa forma. Fui contrário junto com alguns colegas, pois era o nosso primeiro semestre e já tinham opiniões tão “formadas”, fechadas, de como poderia ou não ser uma aula. A professora decidiu então fazer com quem queria e, durante a aula, ela passaria para os outros alunos trabalhos de cunho teórico, dentre estes, textos, livros e vídeos sobre os estudos do corpo.

Continuamos os laboratórios de criação e a cada dia fui percebendo que o meu corpo não era mais o mesmo, que o *quebrar o joelho* junto com o *não pensa, faz* estavam funcionando e me proporcionavam ter uma conscientização corporal.

O tempo foi se passando e o nosso autoconhecimento foi se dando, a professora conversou com a turma e explicou como se daria a 2ª e 3ª unidades já que a 1ª teria se voltado para o descobrimento desta consciência corporal. Ela pediu para que cada um fizesse uma pesquisa iconográfica; pois durante as unidades seria realizado um trabalho a partir de imagens. Essa escolha deveria ter como ponto de partida uma aproximação ou um estranhamento, a imagem deveria lhe proporcionar sensações ou inquietações: por que está e não aquela? O que me fez escolher essa imagem? O que ela me conta? O que ela representa?

A partir da escolha, iríamos para os laboratórios com o propósito de preparar esse corpo que até então estava com fios orgânicos,

MAN ZUÁ

mas que precisava se tornar vivo cenicamente. Nós caminhávamos no sentido da construção de um corpo orgânico e já na segunda unidade, o meu corpo respondia de forma mais rápida, não estava mais pensando mecanicamente.

O trabalho tinha como objetivo nos levar ao autoconhecimento e descobrir o *guerreiro* (proposta de trabalho e pesquisa corporal que a professora usa em suas aulas laboratórios) que existe em cada um, tendo como referência inicial a imagem escolhida.

Fiz-me perguntas, realizei a pesquisa e decidi trabalhar com a imagem da águia, ponto inicial da minha jornada. Aquele bicho me impressionava pela sua capacidade de renovação, de flagelação. A águia sabe que é necessário subir ao mais alto da montanha para retirada das penas velhas, para quebrar o seu bico e para viver cerca de 70 anos. Ela é o herói que sabe o seu destino, não tem como fugir dele, mas se prepara para vivê-lo. O seu olhar me chama atenção, ele atravessa e rasga o céu em voo rasante, a sua imagem me

ensina que precisamos ter base para aprender a voar.


Esse foi o meu primeiro contato com as sensações desse animal, e trazer para dentro dos laboratórios experimentais a sua força, o seu olhar, a sua determinação foi um momento de descobertas.

O trabalho realizado pela professora Lara Rodrigues na 1ª unidade focou no “conhecer o corpo parte a parte”, ela trabalhou com a turma o enraizar e desenraizar dos pés, fazendo com que fôssemos buscando outras formas de conhecer



Fig. 1 - Disponível em: <<http://www.fundosanimais.com/imagens-wallpapers-aguias-jpg/>>. Acesso em: 17 abr. 2020. (Imagem original colorida)

MAN ZUÁ



o corpo, descobrindo as diversas formas de caminhar, quais sejam: andar na ponta dos pés (metatarsos), com os calcanhares, com as bordas internas e externas dos pés. Foi um trabalho de preparação para o que teríamos na segunda e terceira unidade.

Na busca pelo guerreiro, a professora pediu que trouxéssemos uma imagem; e a primeira ação que realizávamos era de apreciação da imagem (que cor ela tem? Como são as formas? O que caracteriza essa imagem?). Logo, estávamos com os corpos deitados no chão e íamos despertando o corpo tendo como estímulo as músicas de origem africanas e adentrávamos em um universo imaginário, no qual as relações, o jogo de um com outro, surgiam a partir do imaginário consciente de cada ator.

Para Huizinga (2007, p. 7) *apud* Machado (2008 p, 48) o jogo se dá:

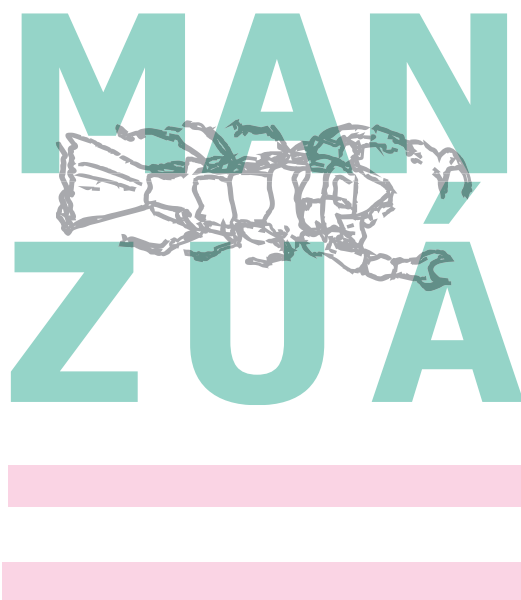
(...) na manipulação de certas imagens, numa certa “imaginação” da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação

será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa “imaginação”. Observamos a ação destas no próprio jogo, procurando assim compreendê-lo como fator cultural da vida.

A construção do guerreiro dentro do processo criativo buscava enfatizar as memórias do sujeito em formação e este recebia estímulos tanto internos quanto externos. O estímulo interno se dava através do seu pulsar/respirar, já o externo, através da sonoridade proporcionada por ritmos e sensações diferentes o que acionava o lado sensitivo. Ou seja, os alunos descobriam no seu corpo as potencialidades para conectar energias por vezes desconhecidas e/ou adormecidas.

A partir dos estímulos, fui construindo células de movimentos e a professora nos pedia para procurar na turma pessoas com uma mesma estatura, para trabalhar tanto os exercícios de alongamento como para a parceria do processo criativo. Dos colegas da turma encontrei na pessoa de Frank um tamanho corporal e uma força cênica parecida

MAN ZUA



com a minha.

A partir daí, éramos um só, fazíamos o alongamento/aquecimento juntos e, quando adentrávamos no campo da criação, procurávamos estabelecer a relação entre nossas imagens. Frank não trabalhava com uma imagem específica, mas ele tinha uma força, um olhar, um corpo que trazia uma sensação dúbia, em um momento queria me proteger e no outro me matar. Ele era um pajé, um guerreiro das matas, enraizado no chão, eu era uma águia guerreira, que fazia voos rasantes e que descia à procura de ninhos feitos nas árvores. Uma relação, uma briga por território, uma luta de poderes: terra e céu.

Em nossos laboratórios a nossa mestra Lara Rodrigues Machado (2008) nos ensinou que:

Nesse momento o intérprete atua com o objetivo de entrar em contato com seu próprio corpo e percebê-lo diante da proposta de trabalho artístico, por meio dos estímulos escolhidos pelo grupo, a fim de proporcionar um cenário ou ambiente propício ao

encontro desse intérprete com todo o universo envolvido. É necessário que o corpo de cada intérprete seja em primeiro lugar reconhecido pelo próprio dono, como se fosse necessário um momento de silêncio interior para poder sentir o que não está aparente e, dessa forma, perceber o corpo na proposta de trabalho. (MACHADO, 2008 p. 50).

Nessa perspectiva, o trabalho realizado dentro do componente curricular *Conscientização Corporal I* proporcionou a cada participante “entender que temos um corpo e não uma máquina”, e, assim, compreendemos que somos corpos que se comunicam que dizem muito além de uma couraça estética.

Quando trabalhamos dentro de um laboratório de criação, temos como objeto de pesquisa o nosso próprio corpo, um corpo que passa dos limites da vida cotidiana e que ainda transcende se tornando expressivo. Partimos do limiar de um corpo como fronteira, como investigação e descoberta de si.

Em nossas conversas, Lara me dizia que o corpo é um instrumento,

MAN ZUÁ

que assim como o berimbau, precisa ser sempre tocado e cuidado para fazer a roda de capoeira ou qualquer outra girar.

Nesse mapeamento de um corpo que se percebia como estrangeiro, Lara me ajudou a costurar os pontos que entrecruzavam os cardeais do meu ser. Ao final do semestre, eu rodopiava, gritava, rasgava o meu

corpo e não tinha mais os medos iniciais, outras questões foram surgindo e elas foram me dando pulsões, novos para seguir costurando a minha própria história.

Conversando com as minhas memórias

A minha formação acadêmica se costurou pelo princípio do mestre-

aprendiz, na qual, o ensinamento é a via que ancorou todo o caminho, ele é base que regulou e que fez a roda girar, que proporcionou a troca de papéis, o mestre se faz aprendiz, enquanto o aprendiz se faz mestre. Na íntegra, a professora-mestra, me ensinou que posso ser mestre do meu próprio fazer.



Fig. 2 - Arquivo Pessoal. UFSB, 2019

MAN ZUÁ

Esses corpos vêm se encontrando em cenas distintas, trocando experiências e traçando diálogos, seja por meio dos jogos das relações criados entre as personagens em contextos diversos, seja em trabalhos por vezes ainda desconhecidos. Cada intérprete que se disponibiliza a novas investigações caminha pelos rastros de um trabalho artístico do qual ele não conhece e passa a conhecer no encontro daquela vivência. Entra na cena do outro. Cena que passa a ser sua também. Dessa forma descobre-se junto, abre-se caminho, instiga-se ao desconhecido e provoca em si o desejo pela continuidade do processo de pesquisa artística (MACHADO, 2017 p. 173).

Nessa aprendizagem, os processos de criação se encaminham pelo viés do que o professor Paulo Freire chamou de *Pedagogia da autonomia*, o ato de ensinar se dá no caminho do ato de aprender, uma troca mútua que se faz no desvelar dos corpos que se colocam em estado de criação, uma dança que se redesenha a partir de células fluídas, que atravessa o corpo do outro com o olhar, com o todo – um

entrando na cena/corpo do outro e se fazendo um, é como a costureira que fia o tecido com agulha e linhas, que remeda, que faz e refaz de um tecido que estava ali esquecido um novo figurino.



Fig. 3 - Arquivo Pessoal. UFSB, 2019

MAN ZUÁ



Hoje me sinto tecendo frases para a minha dança com fluidez. Nas inúmeras tentativas de registros dessas danças durante anos de processos e vivências pelas universidades, recebi sugestões vindas de professores que me levaram a caminhos quase opostos. (MACHADO, 2017 p. 173).

Com a mestra Lara, aprendi que é preciso “*quebrar os joelhos, não pensar e fazer*” era o direcionamento naquele momento, apenas se deixar levar, fazer aquilo o que o corpo pedia. Dessa maneira, me via dentro dos laboratórios de criação com um corpo maior dos que os outros me veem; parece que este corpo de 1,94m ganhava outras dimensões.

O desejo, o pedido que este corpo tinha se tornava cada vez mais orgânico. Sentia o corpo respirando, transpirando, vivo e se percebia metaforicamente um homem-pássaro que volta e meia ativo em outros trabalhos artísticos (vejo-


me fazendo células, matrizes daquela velha águia do início do curso).

Tudo isso se explica pela magia do se fazer presente; de se fazer íntegro, por inteiro, sem pedaços no estado de jogo que é uma dança sem rigidez, é permite-se ser conduzido pelo outro, mas é também se lançar no mergulho do avesso do avesso de suas emoções, ir no mais profundo



Fig. 4 - Arquivo Pessoal. UFSB, 2019

MAN ZUA



do velho barco/corpo naufragado e perceber que existem muitas penas que precisam ser arrancadas para dar espaço para outras nascerem; é o momento de lançar-se no horizonte para mais um voo, mesmo que este seja para se recolher ou até mesmo para rasgar o céu com um corpo que se reconstrói quando encontra outros em sua construção poética.

Com o tempo entendia dentro de mim como professores de conceitos ou professores de gente. Raramente, encontrava aqueles que nos educavam e ao mesmo tempo se faziam capazes de conceituar suas práticas de forma coerente sem nos repelir dessa relação de mão dupla, entre relação de professor e aluno. (MACHADO, 2017 p. 173).

As imagens em forma de texto, nos revelam esse ensinamento e essa troca de papéis, quem ensina a quem? O que é mesmo esse processo de ensinar e aprender? Na arte do encontro, chegaremos a esse processo de acabamento? A resposta é simples, não!

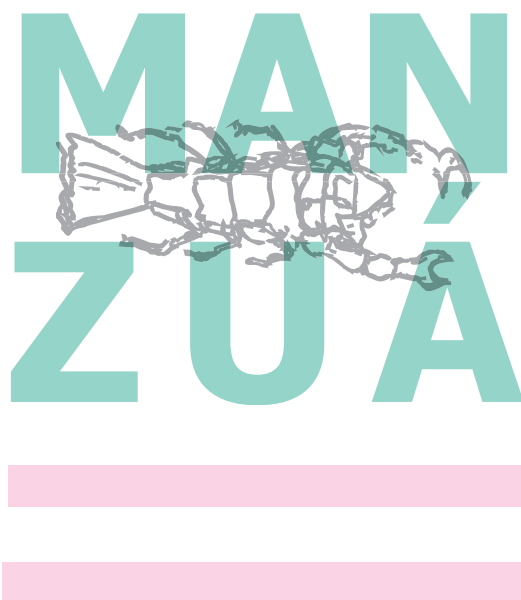
Nunca estaremos ou seremos o

100% acabado, estaremos sempre no processo de transformação – todas as vezes que converso com as minhas memórias, penso, repenso e me coloco sobre investigação de quem eu sou, como estou e quais os pontos actanciais que me fazem perceber tais diferenças, estas me lançam a ver o mundo com os olhos de menino-águia e perceber, não tem como sermos os mesmos, vivemos em formações, transformações, experiências que se dão diariamente no encontro com o outro.

A meu ver, essa formação se torna transdisciplinar, na qual, não é só um grupo de componentes curriculares que se encaixam, mas é o curso como um todo que forma esse sujeito em construção.

Atravessei a ponte, passei pelos desafios que ela me proporcionou e ao mergulhar na busca e nas descobertas desse corpo que não estava apenas pensando e sim fazendo, pude compreender que o trabalho de preparação corporal do ator é algo essencial na nossa rotina, que é um labor diário, que metaforicamente o ator pode ser

MAN ZUA



visto como um garimpeiro que busca a pedra mais preciosa, que trabalha dia e noite para lapidar o seu tesouro, o avesso do avesso que é o corpo.

Ancorei os pensamentos e transcendi, entendendo que esse sujeito-aprendiz pode ser visto também como um quadro que precisa do pintor para ganhar forma, cores, traços, desenhos se delineando enquanto objeto de comunicação. Ao mesmo tempo esse corpo é produto e produtor, ele realiza um estudo sobre si, é uma descoberta de suas potencialidades e dentro desse contexto, cada professor, cada mestre teve uma enorme contribuição na minha formação e na minha pesquisa em busca de um corpo que se prepara para ir pra cena, para ir pra vida.


Aprendi que é preciso se desafiar, que é preciso ir para a sala-laboratório e desnudar-se no sentido de entregar-se ao que está sendo proposto, seja a descoberta de uma conscientização corporal, seja a busca pela formação a partir dos elementos das práticas culturais, seja

na construção de uma voz que vibra o corpo, pois esta faz parte dele – é extensão do mesmo, seja para viver memórias antigas, de antepassados, ou de outros que tínhamos medo de desnudar.

Este é o mergulho: uma busca por um corpo orgânico, que quebre com a mecanicidade imposta pela sociedade. Um mergulho que não me vejo apenas no reflexo na água, mas que me implico como parte do movimento de fazer a água emergir de dentro para fora, rasgando o meu espaço/corpo, realizando uma construção, uma (re) construção desse sujeito que está sempre em processo de transformação, de autodescobertas, de/em trânsito, de joelhos quebrados em atravessamentos.

Este mergulho foi apenas o primeiro voo para encontrar outro grande mestre que me ensinou que para voar é preciso ter base – o Mestre foi e é o grande responsável pelo meu *voo da liberdade*; depois que subir a montanha do Grupo Arkhétypos de Teatro, não sou mais o mesmo! E entendi que seria

MAN ZUA



preciso quebrar outras partes do corpo além dos meus joelhos; tive que me quebrar todo – de dentro para fora, tive que me lançar no mundo e recontar a minha história de vida, sigamos, se preparem, vos convido ao *voo da liberdade*.

Conversando com o mestre **Robson**


Tudo começou no dia 28 de fevereiro de 2011, mais uma turma da Licenciatura em Teatro da UFRN. O professor entra na sala 01 para ministrar a aula *ART 0200 Jogo e Cena I*, como todo início de ano, uma nova turma, 40 calouros em plena segunda-feira pela manhã, ansiosos para se conhecerem e conhecer o professor.

Robson entra na sala, dá bom dia e pede para formamos uma roda, enfatiza, “*é roda, se organizem!*”, a partir dali, paro e penso: “esse não é de brincadeira, vou ficar bem quietinho”, como de costume aquela velha apresentação com nome, de onde você veio e o porquê que você escolheu o curso de teatro.

A roda começou a girar e a cada apresentação, o meu coração ficava mais acelerado, mas não tinha para onde correr, não tinha como desistir, chegou a minha vez, para você que está me lendo e não me conheceu, eu era um menino bem *f r a n z i n o*, magro demais e um corpo retilíneo... olhei para o professor e vi que todos estavam me olhando, respirei fundo e disse: bom dia, meu nome é Sebastião e venho do interior do Rio Grande do Norte, da cidade de Vera Cruz, moro na comunidade do Sítio de Santa Cruz, na zona rural, conheci o Teatro a partir de um Programa da UFRN chamado *Trilhas Potiguares*, através da oficina Hilca Honorato e decidi que queria fazer do teatro a arte da minha vida.

Depois da apresentação, seguimos com a aula, lembro que sai todo dolorido e a turma saiu reclamando, o professor pegou “pesado” nos exercícios de aquecimento, tudo era muito novo; mas sabia que iria me dar bem com o professor, segui e fui aprovado no componente curricular, a partir daí

MAN ZUA



decidi que faria todas as disciplinas com ele, hoje em dia digo que fiz uma formação na Escola Haderchpek.

Continuei com a minha jornada dentro do curso. Tinha como orientador acadêmico o professor Makarios Maia² e ele me orientou a me inscrever no componente *ART0222 Elementos de Treinamento Pré-Expressivo*, pois vislumbrou a minha necessidade de fazer parte de um grupo de teatro – conversamos e ele achava que deveria ser o Arkhétypos, mas não poderia ser uma decisão dele, era apenas uma orientação.

Comecei a cursar a disciplina e percebi que tinha me encontrado dentro do curso, parece que estava faltando algo, sabia que as minhas terças e quintas-feiras às sete horas da manhã seriam dentro de uma sala de aula, mas que este seria apenas um espaço físico que serviria de trampolim, de mergulho para o avesso do meu corpo, a busca pelo autoconhecimento que me transformou e que foi a ponte de acesso para o Grupo Arkhétypos de Teatro e junto a ele, o abrir das

gaiolas do meu corpo.

O voo da liberdade

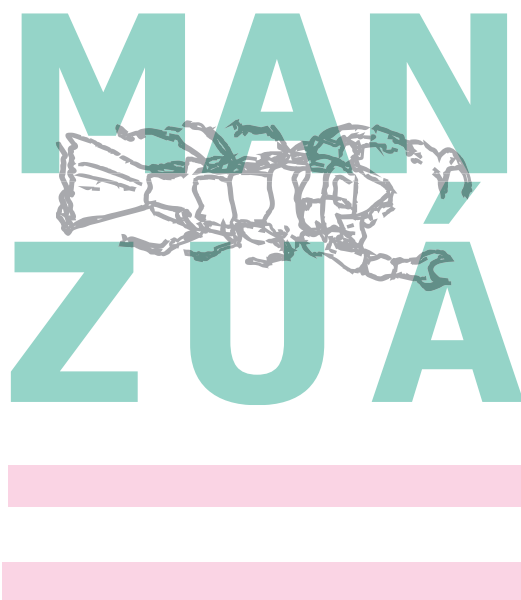
Recebi o convite do professor Robson para entrar no Grupo Arkhétypos ao término da disciplina *ART0222 Elementos de Treinamento Pré-Expressivo*, parecia não acreditar em tudo aquilo, um sonho sendo realizado, disse sim com um abraço e abracei o meu companheiro de cena, o amigo e ator Adriel Bezerra – na disciplina éramos dois pássaros guerreiros, um branco e o outro preto; aprendi muito com Adriel, um ser humano que não mede esforços quando é convidado a ajudar a alguém, pois bem, entramos juntos e tivemos o prazer de compor a família do Grupo Arkhétypos de Teatro.

Então, adentramos à sala-laboratório...

Tudo começa na conhecida sala 18 do Departamento de Artes, a sala é a mesma de quando conheci a mestra Lara. Podem mudar o formato, a cor, o número da porta,

2 - Professor do Departamento de Artes na área de *ART 0206 Dramaturgia* e *ART 0216 Estudos Culturais do Teatro* e coordenador do GPT – Grupo Popular de Teatro.

MAN ZUA



mas ela sempre será a sala 18, a sala dos laboratórios de criação. O ano é outro, mas a história parece se repetir, uma volta ao tempo, um carinho pela sala que despertou tantas histórias, que rememorei e recriei o tempo vivido.

Cheguei e ao abrir a porta, encontrei uma sala com o um piso preto, o chão áspero, uma parede de janelas brancas entreabertas, uma porta ao fundo, alguns colegas de turma encostados na parede do lado (a minha direita), coloquei a minha bolsa no canto da sala e caminhei...

A sala estava cheia, eram mais componentes em busca de seus voos, sorríamos na tentativa de encontrar um espaço para viver tudo aquilo. Robson, nosso mestre-guia nos levava ao silêncio, pedia que cada um procurasse seu espaço naquele ninho gigantesco, eu já estava ali, concentrado, de olhos fechados e compenetrado, tentando perceber a integridade do meu corpo.


Os processos laboratoriais do Grupo Arkhétypos nos permitem viajar por tantos lugares, realizamos imersões por vários espaços – o

primeiro espaço que habitamos é o nosso próprio corpo que muitas vezes esquecemos ou quando ainda sentimos este deixamos que ele seja moldado pelo sistema frenético, louco e globalizado; esquecemos do sopro principal para viver; corremos tanto, a vida adulta nos pede tantas coisas, que desaprendemos como respirar.

São muitos os aprendizados que se dão nessa relação mestre-aprendiz; se com a mestra Lara eu aprendi a “*quebrar o joelho, a não pensar...fazer*”; com o mestre Robson aprendi a mergulhar para o lado mais obscuro da minha vida; tive que respirar profundamente e ver coisas que não queria, talvez por medo ou por não sentir-me capaz de entendê-las, compreendê-las em suas dimensões.

Depois da nossa primeira tentativa de voo, o mestre pediu que fizéssemos uma roda, ele fez pequenos apontamentos sobre o laboratório, pediu que falássemos alguma coisa caso nos sentíssemos à vontade, lembro que fiquei calado, em silêncio, pois tinham muitas

MAN ZUA



questões gritando dentro do meu corpo e não conhecia e nem sabia o porquê de muitas delas.

O mestre anunciou que os laboratórios seriam regidos pelo elemento AR, esse seria o terceiro processo de criação do Arkhétypos; o primeiro foi o “Santa Cruz do não sei” regido pelo elemento água, o segundo foi o “Aboiá” guiado pelo elemento terra e a nós, homens-pássaros caberia apenas uma orientação: deixem-se ser levados pelo vento e ele revelará quem fica ou quem sai; é um processo e nem todos chegarão no final assim como no conto-guia “A conferência dos pássaros” do autor persa Farid Ud-Din Attar.

Precisávamos viver o momento dos estágios de criação, sem muita pressa, sem muitas e nenhuma certeza, apenas estar abertos para as revelações do vento, que ao mesmo tempo, pode ser leve como uma pena ou forte como um furação, tudo depende do tempo, da intensidade, das nebulosidades e de outros fatores que te circundam ou que estão escondidos dentro de


você. A partir do primeiro encontro eu já sabia que muitas coisas seriam reveladas.

O mestre pediu que escrevêssemos o que cada um buscava nesse processo que foi chamado no início de “processo AR” e que depois virou um bonito e revelador portal chamado *Revoada*. Gostaria de compartilhar o que eu buscava naquele momento, acredito ser importante transcrever parte do que escrevi ao mestre naquele ano de 2013. Assim dizia um menino-pássaro ainda dentro do ovo:

Durante o curso, vivenciei momentos e estou vivenciando momentos fantásticos, conheci pessoas (hu)manas, que fizeram parte do meu processo de formação. Processo é o momento em que vivemos algo e que nem sempre se quer um “resultado”, algo pronto, acabado.

Aprendi nas aulas de Conscientização Corporal que não podemos pensar, temos que fazer, que é preciso deixar o corpo ser levado por ele mesmo nas ondas (...). O pássaro ao nascer conhece o mundo externo, o brilho do sol faz parte de sua condução do Tempo, como é difícil sair da barriga

MAN ZUÁ



da mãe (um lugar quentinho e que protege).

Nesse cenário, nesse processo, quero contar a história de um guerreiro pássaro que alça voos pelo mais alto da montanha, que busca viver o seu tempo (...). Determinante alça o voo pelo mais alto da montanha e passa por um processo de transformação, uma renovação carregada de sofrimento, de dor e ressurreição.

Aprendi que tudo isso faz parte de um ciclo, que a roda da vida gira constantemente e que é preciso traçar novos objetivos e a partir deles, alçar um voo mais bonito, o da transformação de si. Sou um homem, um pássaro inacabado.

Ao reler o que escrevi me transporto para a sala 18 e lembro de todos os vales, todos os portais que passamos até chegar à construção do espetáculo *Revoada*. Quando faço o exercício de ler em voz alta, não consigo caro leitor, pois a minha voz está embargada, vem uma vontade de chorar. Olho pro lado e vejo os meus vizinhos, eles me olham, mas da *minha janela, tenho um céu de horizontes, tenho um corpo que é maior do que eles veem* e da sala de onde escrevo


no canto direito próximo a janela se forma uma poça que escorre do meu corpo, choro ao recriar esse tempo de criação.

Aprendi com o mestre Robson que não devemos temer as nossas feridas e muito menos as nossas sombras, precisamos viver o luto de cada fase, de cada etapa ou como gosto de dizer, de cada atravessamentos que a vida nos proporciona, pois bem, resolvo tonar público aos leitores deste artigo algumas valas que se formaram em meu corpo nesse processo de transformação de um menino-ovo para um homem-pássaro, ou de um sujeito que ainda está descobrindo o que é ser Artista de uma arte que fala tanto de mim mesmo e de outros em mim; falo uma obra de arte inacabada, sem fim, mas com rastros, sombras e revelações de ser/estar brincante, de um teatro ritual que me atravessa e me desvela no sopro do tempo.

Primeiro portal: o vale da busca

Meu corpo estava feito uma cocha, bem fechadinho, guardado

MAN ZUA




com medo de nascer, o mestre nos perguntava “o que vocês buscam? Se perguntem”! O processo era de autoconhecimento, e eu estava trancado, sem querer sair, com medo do mundo ver como eu sou e me julgar – as penas nasciam e como doía sentir tudo aquilo nascer dentro de mim. Estava buscando conhecer a mim mesmo, a velha e antiga pergunta do “quem é você” martelava o meu corpo, decidi desenrolar o corpo e com esse movimento as asas quebraram o ovo e nasceu um pássaro preto, seria um canção? Um urubu? Não, era uma águia que estava adormecida dentro de mim, um bicho do grito estridente, de um bater de asas fortes e que estava com fome, então resolvi sair para a caça e me tornei caça(dor) de mim, um giro sobre mim mesmo – o primeiro movimento humano – girar-se sobre e si e não conseguir se ver diante de tantas indagações. Mas, como toda boa águia resolvi planar, esperar e escutar o canto do pássaro-guia, para onde será que estávamos indo? Abri as asas e deixei o vento soprar...

Segundo portal: o vale do amor

O vento soprou, soprou e parei em cima de uma pedra plana, de lá vi uma passarinha toda assanhada, me apaixonei – você já viveu uma paixão? Se sim, sabes que ela tem fases? No meu caso, talvez eu estivesse na pior delas, a que só uma parte se apaixona, pois bem... a passarinha beija-flor me ignorava por causa de outro e isso me fazia doer e querer matar o pássaro que encantava a minha bela menina. Eu a perdi, mas deixei o outro pássaro marcado como um inimigo, a paixão tem disso: nos cega e eu já estava em estado de cegueira completa. Usei da minha paixão não correspondida para ferir outras mulheres-pássaros; a segunda um caso rápido, um acasalamento, uma transa que fez gerar um filho, mas que eu não vi e nem sabia se era meu (essa ferida já está curada, mas como toda ferida, deixou uma cicatriz). Mas, eu ainda tinha forças para voar, um pássaro-velho de guerra não desisti. Continuei minha busca e desta vez acabei por machucar outra passarinha – que foi pega de forma indefesa e

MAN ZUA



violenta. Não podemos chamar isso de paixão, muito menos de amor, é a transformação de tudo isso em ódio, um ódio por ter sido desprezado. Feri a terceira apenas por orgulho de ser o pássaro-alfa, o maior de todos, a águia superior – depois de três decepções não amorosas, pensei em me despenar por inteiro, dói pensar e escrever tudo isso, mas é preciso, é uma libertação! Quando pensei em acabar com tudo, descobrir que tinha um irmão olhando por mim, era um urubu, carniceiro, sim... foi ele que me estendeu as asas e me ajudou a voar...

Terceiro portal: o vale desaparego

Todo guerreiro quando volta de uma guerra precisa um colo, e lá estava a mulher-pássaro-divindade para nos ajudar nessa transição de portais, me perguntava: do que eu preciso desaparegar? É uma pergunta que se renova sempre, mas naquele momento estava ajudando os outros com suas dores; encontrei um não-pássaro, um homem-morcego que gritava, eram tantas dores e que o meu corpo não suportava carregá-

lo sozinho, precisei feri-lo (e me perguntei, porquê continuo ferindo as pessoas que se aproximam de mim?); a resposta foi imediata, livre-se desta prisão, permita que o outro conheça você, não tenha medo e foi o homem-morcego que me ajudou nesse processo de transformação. Ao mesmo tempo em que ele gritava suas dores, ele revelava as minhas, estávamos ali frente a frente sem pudor nenhum, os demais pássaros assistiam àquele acasalamento de amor, de dor, de prazeres, de autoconhecimento. Por fim, eu lancei o morcego para a ave mãe e ela o lavou como uma mãe que lambe a sua cria quando nasce. Ali nasciam na verdade dois novos seres – ele o ser da transmutação e eu, o pássaro do coração – que ao renascer, se rasgou, se refez e ecoou o grito da liberdade. Uma luz brilhava lá fora e as peles dos tambores cantavam a dança do renascimento.

Quarto portal: o vale do conhecimento.

Éramos conduzindo pelos tambores, estávamos no círculo

MAN ZUÁ

do fogo. Quem passasse pelo fogo deveria fazer-lhe uma pergunta e o meu pássaro do coração se mantinha forte ajudando os demais pássaros, sua ação era manter o ritmo e a frequência de todas aquelas perguntas jogadas ao fogo. O fogo girava e queimava tudo, sem pena e piedade... o fogo é o conhecimento e conhecer perigoso! Eu olhava para o conhecimento e ele se transformava em vários bichos: serpente, dragão, pássaro; medo e coragem estavam ali em cada asa pronta para ser queimada. Perguntei o que mais temia, perguntei o que é a vida, o fogo foi rápido e me lançou para o vale que iria me transformar mais uma vez, voei e cai no meio de uma senhora tempestade chamada morte.

Quinto portal: o vale da morte


Lembram daquele ódio guardado no vale do amor, do amor não correspondido? Ele reapareceu na morte, e tudo começou com o desejo

de vingança, de matar aquele que roubara a minha passarinha beijafior. Me vesti do sentimento do ódio e cantei naquele terreiro esbravejando a minha corou que não estava na cabeça, mas no peito – um filtro dos sonhos revestido de sentimentos diversos, e o que estava falando mais naquele momento era o desejo de matar; sangrei o pássaro, um dos meus irmãos, e essa ação



Fig. 5 - Espetáculo *Revoada – Vale da Morte*. Grupo Arkhétupos. Foto: Diego Marcel, 2015.

MAN ZUA



fez com que todos os outros me olhassem estranho – o vale chorava a morte daquele pássaro! E mais uma vez fui atravessado pelos meus companheiros – o primeiro foi o guerreiro branco que entrou comigo no processo ar, o segundo foi o meu gemini que estendeu a asa no vale do amor – eles me destronaram, arrancaram o meu coração e fui morto na frente de todos que voavam conosco. Vivi o mito encarnado do próprio Cristo, que foi pregado pelos seus e ressuscitou depois de três dias – aqueles que me mataram foram os mesmos que bateram as minhas asas e mais vez uma renasci. Olhei para todos os pássaro, chorei a morte do meu irmão, pedi desculpas e o carreguei em uma macha fúnebre. O vento mais uma vez soprou, soprou e a passarada gritava e festejava a outra ressurreição – é o ciclo da vida e morte, morte e vida, voamos, dessa vez, todos juntos, sem deixar nenhum pássaro pelo espaço-tempo, saímos da morte e ressurgimos!

Sexto portal: o vale da unidade

Cansados de todo o acontecido, resolvemos baixar as asas, dançamos a unidade de uma revoada e bailamos a célula da vida. Imaginem um grupo de *ballet*, pois bem, fomos guiados neste vale por um passarinho dramático, arteiro e bailarino, eu sempre desconfiei que ele era um pelicano, mas na verdade até hoje me pergunto: que pássaro é esse? Ahh, é o pássaro que dança para transformar as suas dores, que canta para dizer que está feliz, que se esconde atrás de asas que não pertencem a ele... mas, ele era capaz de fazer um grupo de 18 pássaros dançar e alçar o último voo – o *voo da liberdade*. Para isso deveríamos acreditar no outro sem fazer julgamentos... não faz mal compartilhar uma busca, um amor, um desapego, um conhecimento, uma morte, o importante era que nos uníssemos para cair sem medo no estado de deslumbramento – que é quando somos condutores e conduzidos ao mesmo tempo, é o ensino e a aprendizagem que se dão simultaneamente... é quando o

MAN ZUÁ

público voa literalmente conosco, e descobrimos que para voar, precisamos ter base e coragem para deixar o vento soprar.

Sétimo portal: o vale do deslumbramento.

É isso, participei do Grupo Arkhétypos de Teatro no espetáculo

“Revoada” e sempre converso com os integrantes, com os meus familiares, com os meus amigos e principalmente com o mestre Robson lembrando o quanto me transformei no decorrer do processo AR – não tem como ser mais o mesmo!

Ficamos em laboratório de criação mais ou menos um ano e aprendi com o mestre e com os colegas de profissão que ser ator é



viver o desprendimento de tudo aquilo que a sociedade vai nos impondo, ser ator e ator de um grupo de extensão da Universidade é uma constituição de uma segunda família ou para muitos a primeira, onde aos poucos um vai criando o outro e cuidando de um ninho que é coletivo... os aprendizes se tornam mestres e o mestre se torna aprendiz, possibilitando os voos necessários.

Fig. 6 - Espetáculo *Revoada* – Vale do Deslumbramento. Foto: Diego Marcel, 2016.

MAN ZUÁ



Fig. 7 - Espetáculo *Revoada*. Grupo Arkhétypos de Teatro. Foto: Borges Potyguar, 2019.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HADERCHPEK, Robson. **Arkhétypos Grupo de Teatro: encontros e atravessamentos**. Natal: Fortunella, 2017.

MACHADO, Lara Rodrigues. **O jogo da construção poética: processo criativo em dança**. Campinas, São Paulo, 2008.

MACHADO, Lara Rodrigues. **Danças no jogo da construção poética**. Natal: Jovens escribas, 2017.